

O desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 1998

*Maria Cristina Passos**

A evolução da produção industrial nos primeiros quatro meses de 1998 confirmou a tendência de redução no nível de atividade já apontada na análise do desempenho das indústrias brasileira e gaúcha no ano anterior.¹ A desaceleração observada refletiu os efeitos das medidas de política econômica implementadas para enfrentar a crise nos mercados financeiros internacionais, iniciada nos países asiáticos, em outubro passado.² Dentre as medidas adotadas, a elevação da Taxa Básica do Banco Central (TBC), por servir de referência para os juros cobrados nas demais operações bancárias, foi a que repercutiu diretamente sobre a atividade econômica do País nos meses seguintes. A queda na produção industrial que se seguiu foi acompanhada por uma redução nas vendas e por um aumento do desemprego e dos índices de inadimplência no sistema financeiro.

A elevação do patamar da TBC, promovida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central em 30 de outubro de 1997, de 1,58% para 3,05% ao mês, significou uma modificação na política de manutenção da estabilidade da taxa de juros adotada desde abril de 1997. Implementada como uma medida de urgência, teve como objetivo conter a saída de capitais externos e continuar atraindo novos investimentos estrangeiros, para evitar a rápida diminuição no nível de reservas internacionais do País. No entanto o aumento da taxa de juros interna passou a pressionar ainda mais o custo da dívida pública, ampliando, conseqüentemente, o desequilíbrio das contas do Governo, apesar de,

* Economista, Técnica da FEE/NES e Professora da UNISINOS

¹ Maiores detalhes sobre o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha encontram-se em Chiappini e Calandro (1998).

² Em outubro-novembro do ano passado, o Banco Central quase dobrou a taxa básica de juros, e foi anunciado um elenco de medidas, principalmente na área fiscal, para reduzir o déficit público e o de transações correntes do balanço de pagamentos. Uma análise detalhada dessas medidas pode ser encontrada em Rückert (1998)

concomitantemente, terem sido adotadas medidas fiscais para aumentar as receitas. Dessa forma, já no final de novembro, o Banco Central iniciou um processo de paulatinas reduções na taxa básica de juros, estendendo-se até maio-junho do corrente ano, quando atingiu o patamar pré-crise asiática.

Isto posto, o presente texto tem como objetivo mostrar a evolução da atividade das indústrias de transformação brasileira e gaúcha no primeiro quadrimestre de 1998 e tecer algumas considerações a respeito dos impactos da mudança do patamar da taxa de juros interna sobre a produção industrial.

A trajetória da produção industrial brasileira e da gaúcha

No primeiro quadrimestre de 1998, a produção da indústria brasileira (de transformação e extrativa mineral) caiu 1,1% frente a igual período do ano de 1997. Com exceção de abril,³ os meses sob análise apresentaram taxas de crescimento positivas em relação ao mês anterior, quando medidas pelo indicador de produção física dessazonalizado do IBGE, como mostra o Gráfico 1.

Para um melhor entendimento dessa trajetória, é interessante, inicialmente, examinar o comportamento da produção industrial no último bimestre de 1997, quando ocorreu o seu ajustamento ao novo cenário macroeconômico decorrente da implementação, a partir de outubro, das medidas de política econômica apontadas acima.

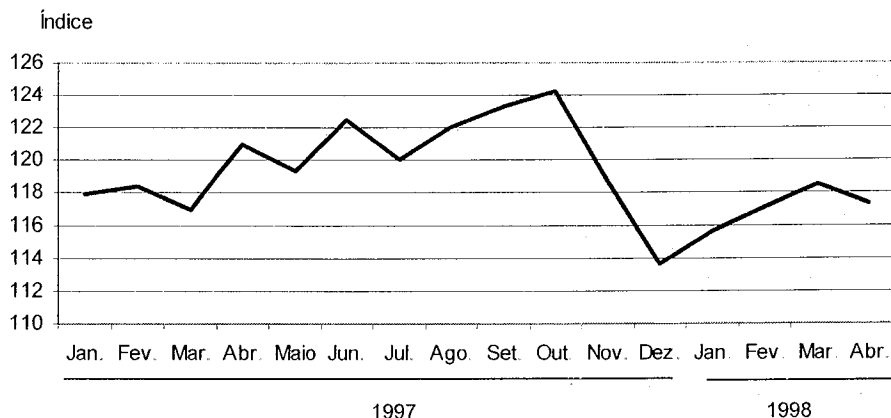
Em dez./97, a produção da indústria brasileira, já descontadas as influências sazonais, acumulou uma perda de 8,4% frente a outubro, atingindo o mais baixo patamar desde meados de 1996, quando foi iniciada a retomada do crescimento industrial, que rompeu com o período de estagnação observado entre setembro de 1995 e abril-junho de 1996.⁴ A produção industrial do último mês de 1997 mostrou-se cerca de 4% inferior à atividade registrada em dezembro de 1996. Em decorrência da performance verificada nos dois últimos meses, o resultado para o total do ano de 1997 foi de 3,9%, abaixo do crescimento de 5,1% acumulado até outubro.

³ Conforme o IBGE, a desaceleração generalizada no ritmo de crescimento da atividade industrial em abril deve ser relativizada, devido à influência do número de dias trabalhados. Em 1997, os feriados da Semana Santa caíram em março, fato que, geralmente, ocorre em abril.

⁴ Com relação ao desempenho da indústria brasileira em 1995 e 1996, ver Scherer (1996a, 1996b) e Passos e Campos (1997).

Gráfico 1

**Evolução mensal do índice de produção física
da indústria geral brasileira — jan./97-abr./98**



FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1998). Rio de Janeiro: IBGE, abr.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100, ponderação pelo **Censo Industrial de 1985** e ajustamento sazonal.

O fraco desempenho da produção industrial do último bimestre de 1997 resultou, principalmente, da redução no ritmo de atividade da indústria de transformação. Em dezembro desse ano, a produção dessa indústria recuou 10,8% em relação a outubro, já descontada a sazonalidade. Tal redução se deu de forma generalizada em todos os ramos, sendo, no entanto, mais intensa no segmento produtor de bens duráveis de consumo, devido à sua maior sensibilidade às condições de crédito, seguido de bens de capital. Enquanto a produção da indústria de transformação recuava, em relação ao mês anterior, 5,6% em novembro e 5,5% em dezembro, a produção de bens duráveis de consumo decrescia, respectivamente, 11,4% e 19,5%, e a de bens de capital, 8,4% e 11,1%. Em comparação com o mesmo mês do ano anterior, a fabricação de bens duráveis de consumo apresentou um declínio de 24% em dezembro, representando a maior queda entre as categorias de uso. Conforme o IBGE, contribuíram para tanto a redução da produção de automóveis (-16%) e a de eletrodomésticos (-35,8%). No caso dos bens de capital, a maioria dos segmentos apresentou um recuo na produção, com exceção da fabricação de máquinas e equipamentos agrícolas e de bens de capital para a construção.

No primeiro quadrimestre de 1998, a taxa de crescimento da indústria de transformação brasileira foi de -2% relativamente ao mesmo período de 1997. Entretanto, apesar desse resultado negativo, já é possível detectar uma tênue recuperação nos níveis de produção, quando são examinados os resultados mensais em relação ao mês imediatamente anterior. Considerando-se esse indicador, os meses do quadrimestre demonstraram uma ligeira recuperação na atividade industrial, com exceção do mês de abril, quando todas as taxas de crescimento da produção por categorias de uso foram negativas.⁵

Tal como nos últimos dois meses de 1997, a indústria de bens de consumo duráveis continuou apresentando o pior desempenho na comparação com igual período do ano anterior, experimentando um decréscimo na produção de 21,5%, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1

Evolução das taxas de crescimento da produção física industrial mensal e acumulada, por categorias de uso, no Brasil — jan.-abr./98

	(%)				
CATEGORIAS DE USO	JAN	FEV	MAR	ABR	JAN-ABR
Bens de capital	6,84	-0,74	10,17	2,47	5,26
Bens intermediários ..	-0,93	0,01	1,06	-1,49	-0,36
Bens de consumo	-9,19	-5,09	-0,63	-8,97	-5,96
Duráveis	-28,78	-22,03	-14,50	-22,04	-21,46
Semiduráveis e não duráveis	-2,80	0,42	3,85	-4,12	-0,72

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1998). Rio de Janeiro IBGE, abr.

NOTA: As taxas têm como base o mesmo período do ano anterior, ponderação pelo **Censo Industrial de 1985** e ajustamento sazonal.

⁵ As taxas de crescimento da indústria de transformação brasileira em relação ao mês anterior foram de 2,5%, 1,3%, 1,0% e -0,9% em janeiro, fevereiro, março e abril respectivamente. Especificamente no mês de abril, na comparação com março, nas categorias de uso, as taxas foram: bens de capital, 2,47%; bens intermediários, -1,49%; bens de consumo, -8,97%; bens de consumo duráveis, -22,04%; e bens de consumo não duráveis, -4,12%.

Considerando-se os gêneros material elétrico e de comunicações e material de transporte, que representam uma parcela importante da indústria de bens duráveis de consumo, embora tenham apresentado uma recuperação, o indicador acumulado do quadrimestre dos mesmos registrou uma queda de 14% e 8% respectivamente. Esses gêneros foram responsáveis pelas maiores contribuições negativas para a formação da taxa global de crescimento da indústria brasileira, destacando-se os produtos automóveis para passageiros, aparelhos de televisão e de som e videocassete. As informações divulgadas pela Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos (Eletros) confirmam essa retração. Segundo essa associação, as vendas de produtos eletroeletrônicos caíram 24% no quadrimestre, em comparação com o mesmo período do ano anterior (VENDA ..., 1998). Da mesma forma, foram registrados decréscimos nas vendas dos produtos da linha branca e nos de imagem e som. No que se refere à produção e às vendas de autoveículos, as informações divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) também apontam uma forte desaceleração a partir de novembro do ano passado até o final do primeiro quadrimestre de 1998.⁶ Assim, a redução dos juros ao longo dos primeiros quatro meses do ano foi insuficiente para estimular maiores vendas de bens duráveis, provavelmente devido à elevada inadimplência e a algumas dificuldades no crédito ao consumo. Agrega-se a isso o aumento do desemprego, que gera um ambiente de maiores incertezas para os consumidores, contribuindo para a retração do consumo.

Em termos da variação acumulada no primeiro quadrimestre de 1998, o melhor desempenho ficou com a indústria de bens de capital, que apresentou um aumento na produção de 5,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, enquanto todas as demais apresentaram queda. Após uma forte retração na produção nos meses de novembro e dezembro, essa indústria passou a ter taxas positivas de crescimento entre janeiro e abril de 1998 em relação ao mês anterior. A única exceção ocorreu em fevereiro, quando houve um pequeno recuo de 0,7%. O segmento fabricante de máquinas e equipamentos para agricultura foi um dos que mais contribuiu para essa performance favorável, tendo sido, inclusive, responsável por uma das maiores contribuições positivas para a

⁶ Considerando-se os dados da publicação mensal da Anfavea, verifica-se que, em relação ao mesmo mês do ano anterior, a produção total de autoveículos caiu 8% em novembro, 15,5% em dezembro, 10% em janeiro, 20,6% em fevereiro, 9,9% em março e 22,8% em abril; e as vendas no atacado de autoveículos nacionais ao mercado interno recuaram 22%, 35%, 22%, 33%, 16% e 28% respectivamente.

formação da taxa global de crescimento da indústria brasileira no ano de 1997 e nos primeiros meses do ano seguinte. O aumento da renda agrícola e o das exportações têm sido apontados como fatores que estimularam tal desempenho.

Os indicadores de atividade industrial do primeiro quadrimestre do ano apontam que, após a acentuada queda que se seguiu às medidas restritivas do final de 1997, os níveis de produção não recuperaram o patamar observado em outubro. O índices dessazonalizados da produção física mantiveram-se num nível semelhante ao da média do bimestre novembro-dezembro de 1997.

No primeiro quadrimestre de 1998, a produção da indústria de transformação do Rio Grande do Sul decresceu 4% frente a igual período do ano anterior. Trata-se do pior desempenho entre os oito estados⁷ que têm sua produção industrial pesquisada pelo IBGE e de uma retração mais intensa do que a ocorrida para o total da indústria brasileira no período. Esse fraco desempenho foi especialmente significativo em janeiro e em abril, quando houve um recuo de 12,4% e 9,3% respectivamente. Cabe frisar, no entanto, que, a despeito desses resultados negativos, a indústria gaúcha, no final do quadrimestre, diferentemente da brasileira, retornou ao patamar produtivo de outubro de 1997, medido pelo indicador de produção física, com base fixa, não dessazonalizado do IBGE.

Examinando-se o bimestre imediatamente anterior (novembro-dezembro de 1997), verifica-se que os resultados mensais, em confronto com os dos últimos dois meses de 1996, foram mais favoráveis para a indústria de transformação sul-rio-grandense do que para a média da indústria brasileira. A expansão da produção industrial gaúcha chegou a 9% no fechamento do ano, muito acima da registrada pela média brasileira e representando o melhor desempenho entre os oito estados acima referidos.

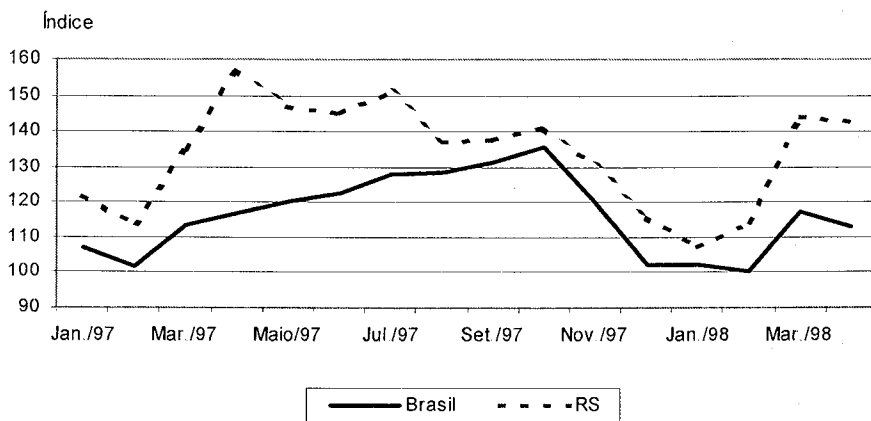
Pode-se, assim, inferir que a indústria do Rio Grande do Sul foi menos sensível aos efeitos das medidas restritivas de política econômica adotadas no final de outubro. Como já apontado em análises anteriores (PASSOS, CAMPOS, 1997), as diversas peculiaridades em termos de composição industrial que caracterizam a estrutura da indústria gaúcha têm contribuído para que as consequências das políticas econômicas implementadas no País, muitas vezes, tenham intensidades diferentes daquelas apresentadas em nível nacional, fazendo com que o ritmo dos movimentos de queda e expansão da produção industrial no Estado seja distinto. O fato de a indústria de bens de consumo duráveis não ter uma participação significativa na indústria de transformação do Rio Grande

⁷ Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

do Sul e, portanto, não contribuir decisivamente para a performance do setor como um todo neutraliza os efeitos negativos imediatos de uma política monetária mais restritiva, que aumenta as barreiras ao crédito e eleva seu custo para as pessoas físicas. O quadro mais favorável do Rio Grande do Sul frente à indústria paulista e à brasileira no último biênio de 1997 pode ser creditado a esse fato. Cabe lembrar que, no Estado, o maior impacto negativo na formação da taxa global coube ao gênero vestuário, devido ao declínio na produção de calçados de couro para senhoras, cujo fraco desempenho está mais vinculado à política de apreciação cambial em vigor desde o início do Plano Real, ao processo de abertura da economia e à migração de empresas do Rio Grande do Sul para estados do nordeste brasileiro, com vistas a reduzir custos e preços, do que à política monetária mais restritiva implementada no final de 1997.

Gráfico 2

Evolução mensal do índice de produção física da indústria de transformação do Brasil e da do Rio Grande do Sul — jan./97-abr./98



FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1997). Rio de Janeiro: IBGE, mar./dez.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Brasil, produção física (1998). Rio de Janeiro: IBGE, jan./abr.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: regional, produção física (1997). Rio de Janeiro: IBGE, mar./dez.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: regional, produção física (1998). Rio de Janeiro: IBGE, jan./abr.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100 e ponderação pelo Censo Industrial de 1985.

O indicador mensal de janeiro de 1998 registrou a interrupção de um período de 17 meses de taxas mensais positivas e superiores às da indústria nacional, iniciado em julho de 1996, com uma única exceção em outubro de 1997, quando o resultado para o Estado foi levemente inferior ao do País. Em janeiro, o Rio Grande do Sul apresentou a taxa de crescimento negativa mais elevada, em comparação com igual período do ano anterior, dentre os estados considerados. Esse desempenho negativo é, novamente, constatado no mês de abril, quando a indústria gaúcha, após apresentar uma recuperação nos dois meses imediatamente anteriores, experimentou um recuo de 9,2% em sua produção. Em decorrência desses movimentos, a taxa de crescimento acumulada para o quadrimestre foi de -4%. No Estado, foi registrada, portanto, uma queda mais intensa do que a experimentada pela indústria brasileira.

A trajetória de desaceleração observada ao longo do primeiro quadrimestre do ano reflete um movimento generalizado de piora no desempenho da maioria dos 18 gêneros pesquisados pelo IBGE. Constata-se que, dos 13 gêneros industriais que apresentaram resultado negativo em abril, somente dois evoluíram de resultados mensais positivos para taxas negativas no último mês do período, os demais apresentaram recuo na produção em pelo menos dois meses.

Considerando-se a taxa acumulada do quadrimestre, os resultados negativos mais significativos (acima de 12%) foram relativos aos seguintes gêneros: material elétrico e de comunicações; madeira; borracha; produtos de matérias plásticas; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; e bebidas. Vestuário, calçados e artefatos de tecidos foi o responsável pela maior contribuição negativa para a formação da taxa global de crescimento da indústria gaúcha do período janeiro-abril de 1998, influenciada pelo decréscimo na produção de calçados de couro para senhoras.

Dentre os cinco gêneros que apresentaram taxas de crescimento positivas no quadrimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, destacam-se minerais não-metálicos; mecânica; e perfumaria, sabões e velas, cujas taxas ficaram acima de 9%, cabendo à mecânica o maior peso na composição da taxa geral da indústria do Estado, devido ao incremento na produção de máquinas e equipamentos agrícolas.

Os gêneros vestuário, calçados e artefatos de tecidos e mecânica merecem consideração especial quanto ao seu desempenho. No caso do primeiro, cabe notar que, após a recuperação⁸ apresentada no ano de 1996, principalmente a

⁸ A respeito da recuperação da produção de vestuário, calçados e artefatos de tecidos no ano de 1996, ver Passos e Campos (1997).

partir do segundo trimestre, este retomou um processo de queda nos níveis de atividade, o qual pode ser dividido em dois momentos. O primeiro compreende o período fevereiro-julho de 1996, marcado por taxas de crescimento negativas entre 3% a 7% quando comparadas com as de igual período do ano anterior. O segundo, a partir de agosto de 1997 até o primeiro quadrimestre do ano seguinte, caracteriza-se por um desempenho pior do que o anterior (taxas de crescimento negativas acima de 10%), que coloca o patamar de atividade muito abaixo da média de 1991.⁹ Especialmente no caso da indústria calçadista, que representa uma parcela significativa da produção do gênero em questão no Estado, pode-se inferir que a reestruturação em busca da melhoria da qualidade e da produtividade, com vistas a ampliar suas vantagens competitivas, foi insuficiente para enfrentar a competição, principalmente com os calçados chineses, nos mercados interno e externo. Agrega-se a esse fato o deslocamento de unidades produtivas do Rio Grande do Sul para outros estados brasileiros, onde o custo de fabricação se apresenta mais baixo. Cabe notar que as exportações de calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes¹⁰ do Estado decresceram 18% entre janeiro e abril de 1998.

No que se refere ao gênero mecânica, diferentemente do anterior, a partir do início do segundo semestre de 1996, iniciou um período de recuperação da produção, que se estendeu até o primeiro quadrimestre do corrente ano. No Estado, a performance desse gênero está fortemente influenciada pelo desempenho da indústria de máquinas e equipamentos para agricultura. Como o Rio Grande do Sul tem uma participação bastante significativa na produção total dessas máquinas no País,¹¹ podem-se considerar as informações publicadas pela Anfavea a respeito da produção de máquinas agrícolas como um indicativo de sua evolução no Estado. Esses dados apontam um incremento de cerca de 36% no primeiro quadrimestre de 1998 em relação a igual período do ano anterior. Especificamente em relação ao Rio Grande do Sul, em maio do corrente ano o Sindicato de Máquinas Agrícolas do RS (SIMERS) divulgou que, em um ano, as vendas de máquinas agrícolas no Estado cresceram 132% (MÁQUINAS ..., 1998).

⁹ Considerando-se o índice de produção física não dessazonalizado do IBGE, com base fixa 1991 = 100, o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos, no Rio Grande do Sul, atingiu 73,2, 65,6, 56,3, e 77,1 em dezembro de 1997 e em janeiro, fevereiro e março de 1998 respectivamente.

¹⁰ Esses produtos estão classificados no Capítulo 64 da **Nomenclatura Brasileira de Mercadorias**

¹¹ "Segundo dados da Anfavea (Anu. Estat. Indúst. Autom. Brasil., 1997) o Estado é responsável por cerca de 50% da fabricação nacional de tratores, primordialmente de pequeno e médio portes (até 99 HP) e de 65% da de colheitadeiras automotrizas." (CAMPOS, PASSOS, 1997, p. 43).

Tabela 2

Evolução das taxas de crescimento da produção física industrial mensal e acumulada, por classes e gêneros, da indústria do Rio Grande do Sul — jan.-abr./98

(%)

CLASSES E GÊNEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	JAN-ABR
INDÚSTRIA GERAL	-12,43	0,11	6,34	-9,34	-4,00
Indústria extrativa mineral ...	-22,75	-21,94	-0,72	-36,43	-21,12
Indústria de transformação	-12,39	0,19	6,36	-9,25	-3,94
Minerais não-metálicos	7,72	18,29	10,28	1,98	9,14
Metalurgia	1,51	8,72	12,83	-1,02	5,42
Mecânica	-7,43	7,91	29,25	6,85	9,24
Material elétrico e de omuni- cações	-25,71	-3,12	-18,40	-23,06	-18,19
Material de transporte	-4,10	4,97	12,89	-14,15	-0,58
Madeira	-28,07	-31,15	-13,73	-11,72	-20,45
Mobiliário	-21,92	-6,35	1,43	-11,78	-9,83
Papel e papelão	9,25	8,11	4,78	-21,86	-0,44
Borracha	-25,02	-6,78	3,98	-19,84	-12,26
Couros e peles	-17,87	-11,68	10,36	-3,71	-5,81
Química	-8,16	-1,09	-2,19	6,33	-1,19
Perfumaria, sabões e velas	-13,49	-5,85	34,29	24,98	10,68
Produtos de matérias plásticas	-35,74	-22,19	-17,24	-29,34	-26,43
Têxtil	-12,83	-1,08	-8,97	-7,30	-7,73
Vestuário, calçados e artefa- tos de tecidos	-34,18	-17,39	-13,74	-21,99	-22,44
Produtos alimentares	-5,31	4,79	12,34	-10,64	-1,10
Bebidas	-17,23	-17,06	85,02	-58,48	-22,03
Fumo	-10,76	9,85	1,25	3,91	3,64

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: regional, produção física (1997). Rio de Janeiro: IBGE, dez.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: regional, produção física (1998). Rio de Janeiro: IBGE, jan./abr.

NOTA: As taxas têm como base o mesmo período do ano anterior e ponderação pelo Censo Industrial de 1985.

Bibliografia

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA BRASILEIRA 1996 (1997). São Paulo : ANFAVEA.

CARTA DA ANFAVEA (1998). São Paulo Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, maio.

- CASTILHOS, Clarisse, CALANDRO, Maria Lucrecia (1998). O desempenho da indústria em 1997. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, p.35-58, v.25, n. 4, mar.
- MÁQUINAS agrícolas dobram a venda em 98, As (1998). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 17, 15 maio.
- PASSOS, Maria Cristina, CAMPOS, Silvia (1997). O desempenho da indústria em 1996. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, p.31-50, v. 25, n.1, maio.
- RÜCKERT, Isabel Noemia (1998). Política fiscal: dúvidas e contenção. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, p.91-103, v.25, n.4, mar.
- SCHERER, André L. F. (1996a). O Plano Real e as possibilidades de crescimento da atividade industrial. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, v.24, n.2, set.
- SCHERER, André L. F. (1996b). A busca do crescimento industrial sustentado. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, p.61-70, v.24, n.3, dez.
- VENDA de eletroeletrônicos cai 3,89% (1998). **Folha de São Paulo**, Porto Alegre, p. 2, 20 maio.